

PERGUNTAS
E RESPOSTAS
FREQUENTES SOBRE
COMUNICAÇÃO
SUPLEMENTAR E
ALTERNATIVA PARA
FONOAUDIÓLOGOS

APRESENTAÇÃO

Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) é uma área de conhecimento interdisciplinar, mas cabe ao fonoaudiólogo o gerenciamento da avaliação, implementação e acompanhamento em relação às questões da linguagem, interação e comunicação. É uma área em pleno desenvolvimento no Brasil e tem como principal objetivo garantir a todas as pessoas o direito à comunicação. É uma área da linguagem e pode ser implementada com crianças, jovens, adultos e idosos em diferentes ambientes. Este documento reúne perguntas e respostas frequentes (FAQ) relacionadas à área da Comunicação Suplementar e Alternativa. No Brasil, são admitidas outras traduções da terminologia *Augmentative and Alternative Communication*, como: “Comunicação Ampliada e Alternativa”, “Comunicação Aumentativa e Alternativa”. Neste FAQ vamos adotar a terminologia: Comunicação Suplementar e Alternativa.

INTRODUÇÃO – CONCEITOS

1. O que é Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA)?

É uma área de conhecimento interdisciplinar que engloba o uso de símbolos, recursos, estratégias e serviços para garantir a comunicação de indivíduos que vivem alguma condição de impedimento ou limitação no uso da fala, temporária ou permanentemente, associada ou não a alguma deficiência.

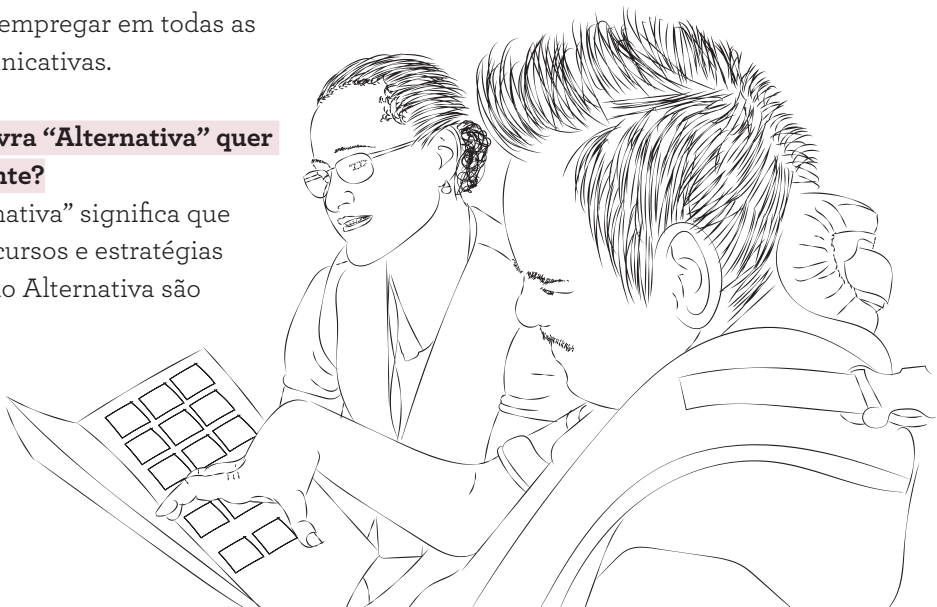
2. O que a palavra “Suplementar” quer dizer exatamente?

O termo “Suplementar” é empregado para definir o uso de recursos e estratégias adicionais de comunicação por pessoas que têm alguma habilidade de fala, mas sem funcionalidade suficiente para empregar em todas as situações comunicativas.

3. O que a palavra “Alternativa” quer dizer exatamente?

O termo “Alternativa” significa que os símbolos, recursos e estratégias de Comunicação Alternativa são

utilizados por pessoas com necessidades complexas de comunicação para possibilitar a interação e ter a “voz” no discurso com outra pessoa, quando há ausência da fala e/ou escrita.



4. O que significa Comunicação

Alternativa com apoio (com auxílio) e sem apoio (sem auxílio)?

Comunicação Alternativa sem apoio é um termo empregado para quando a pessoa, embora não fale ou escreva, é capaz de usar seu corpo no momento da comunicação, como: piscar os olhos para dizer sim, movimentar a cabeça para não, fazer gestos com as mãos, movimentos corporais, sons com entonação, entre outras possibilidades. Estas habilidades podem permitir a interação com outras pessoas, principalmente com aquelas que fazem parte da rotina de vida. A Comunicação Alternativa com apoio ou auxiliada é quando a pessoa com necessidade complexa de comunicação precisa de um instrumento ou recurso fora do seu corpo para interagir e se comunicar com outras pessoas, como o

uso de uma prancha de comunicação, vocalizador ou um aplicativo em um tablet ou smartphone. É quando a Tecnologia Assistiva contribui com os recursos de baixa e/ou alta tecnologia.

5. A Comunicação Suplementar e

Alternativa é uma área da linguagem?

Sim, a CSA está inserida no campo da Linguagem, uma vez que atua na relação de representação simbólica com fins comunicativos. Envolve procedimentos de avaliação e intervenção em comunicação verbal e não verbal, oral e não oral, com o objetivo principal de promover o desenvolvimento da linguagem ou de auxiliar a pessoa na apropriação de um meio alternativo de expressão comunicativa.

6. Sistema e recurso têm a mesma definição na área da CSA?

Não. Sistema Suplementar e Alternativo de Comunicação é a representação de um significado (sentido) por meio do uso dos símbolos selecionados. Os símbolos podem ser sistemas manuais, objetos (sistemas tangíveis), fotografias, pictogramas e a escrita.

Recurso Suplementar e Alternativo de Comunicação se refere a um material concreto de baixa ou alta tecnologia que pode favorecer o acesso do indivíduo aos símbolos selecionados. Alguns exemplos de recursos de CSA: pranchas de papel, livros e cadernos com os símbolos impressos, aplicativos em dispositivos móveis, vocalizadores, entre outros materiais.

7. Quais são os sistemas mais conhecidos da área da Comunicação Suplementar e Alternativa?

Os sistemas tangíveis, com o uso de objetos e miniaturas; os sistemas pictográficos, quando os sentidos são representados por imagens padronizadas, como Picture Communication System (PCS), Sistema Arasaac, Sistema Rebus entre outros, a semantografia BLISS (com ideogramas) e sistema de significação por meio da palavra impressa: escrita.

8. Todos os sistemas de Comunicação Alternativa são iguais?

Não. Cada sistema tem suas características visuais com diferentes complexidades de representação, organização e número de símbolos.

9. Objetos e miniaturas também podem ser sistemas de CSA?

Sim. Objetos podem ser utilizados para garantir o acesso ao significado e à representação do que se pretende comunicar. Itens como estes podem constituir um sistema tangível de CSA. Sistemas desta natureza são preferencialmente indicados para crianças até três anos e/ou com deficiências múltiplas, incluindo baixa visão e deficiência visual cortical. Por exemplo: quando uma criança tem baixa visão ou cegueira, quando uma criança apresenta atraso no desenvolvimento

do vocabulário, ou, ainda, quando a pessoa tem deficiência intelectual ou dificuldades cognitivas mais abrangentes. Um sistema de CSA com objetos e miniaturas constituem o que se chama de sistema tangível.



10. Quais são as diferenças entre as classificações “verbal”, “não verbal”, “vocal” e “não vocal”?

O termo “verbal” está relacionado a um referente simbólico específico. O termo “não verbal” é atribuído à situação de comunicação, cujos referentes são ações e comportamentos que transmitem mensagens específicas, mas não representam referentes específicos. Como subcategorias do termo “não verbal”, tem-se: vocal (choro, vocalização, variação de entonações, risada) e não vocal (apontar, gestos, expressões faciais e linguagem corporal). Define-se por “comunicação verbal sem auxílio e vocal” a fala, enquanto a “comunicação verbal sem auxílio e não vocal”, a língua de sinais. A “comunicação verbal com auxílio e vocal” corresponde ao uso de sistemas de comunicação com voz

digitalizada ou sintetizada, vocalizadores com voz digitalizada e sintetizada. A “comunicação verbal com auxílio e não vocal” se refere à linguagem escrita, às pranchas com alfabeto e às pranchas com figuras.

11. O que significa “necessidade complexa de comunicação”?

Necessidade complexa de comunicação é uma terminologia utilizada para designar crianças, jovens e adultos com severo transtorno de comunicação, cujas necessidades de apoio em comunicação sejam amplas e variadas e que demandam esforços estratégicos e/ou recursos diferenciados para se comunicar.

12. Qual o melhor sistema de símbolos que deve ser selecionado para a pessoa com necessidades complexas de comunicação?

O melhor sistema de símbolos é aquele que atende de forma mais adequada às características de uma pessoa, em particular, no que se refere a habilidades perceptuais, motoras, cognitivas e linguísticas. Não há um sistema simbólico que é, em si mesmo, superior a outro. É possível compor um sistema de símbolos tangíveis, com miniaturas e objetos, assim como utilizar sistemas de símbolos gráficos criados especialmente para fins de comunicação, como o Picture Communication Symbols (PCS), a Semantografia Bliss, os símbolos PIC e os símbolos Arasaac.

13. Podemos utilizar fotos na prancha de comunicação?

Sim. Mas esta decisão sempre depende do nível de percepção visual do indivíduo e do que se pretende simbolizar. Muitas vezes, tende-se a utilizar imagens fotográficas para representar pessoas, alimentos, lugares e itens particulares. A recomendação teórica, no entanto, é sistematizar o uso de pictogramas como símbolos gráficos, uma vez que eles representam conceitos no campo das generalidades e não de particularidades.

14. O que é PODD?

A sigla é um acrônimo das palavras em inglês *Pragmatic Organisation Dynamic Display* (em tradução livre: Prancha Dinâmica de Organização Pragmática). É um método de intervenção em CSA, de

16. Podemos utilizar o termo PECS como sinônimo de Comunicação Suplementar e Alternativa?

Não. PECS é um dentre vários métodos de intervenção em CSA. Se não estiver se referindo especificamente a este método, sempre utilize uma nomenclatura que corresponda à área científica da Comunicação Alternativa no Brasil e seus acrônimos: Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA), Comunicação Alternativa (CA), Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA).

USUÁRIOS E PARCEIROS

17. Quem são as pessoas que podem ou devem usar CSA?

Pessoas que não se comunicam exclusivamente por meio da fala e/ou necessitam de algum suporte para compreender a fala de seus interlocutores ou para se expressar. Integram este público-alvo pessoas com: paralisia cerebral, deficiência auditiva e visual, diversas condições de deficiências do movimento, deficiências múltiplas, doenças neurodegenerativas, Transtorno do Espectro Autista, Apraxia Oral, Apraxia de Fala da Infância, Afasia, Traumatismo Cranioencefálico, entre outras condições. Além destas, pessoas em situação de hospitalização, impossibilitadas de falar temporariamente, como em casos de intubação orotraqueal.

18. Como podemos inserir a Comunicação Alternativa nas rotinas das pessoas com necessidades complexas de comunicação?

Incluindo sistemas e recursos de CSA nas diferentes atividades do indivíduo, por exemplo, imagens de cada passo da sequência de ações de lavar as mãos e de tomar banho, um menu de opções de brincadeira ou atividades de lazer, letras de músicas em formato de símbolos gráficos, utilizar aplicativos para fazer opções etc. É fundamental o conhecimento da rotina dos usuários para que seja possível disponibilizar o recurso que necessitará para se comunicar. O sistema de CSA é que deve ser moldado à rotina e às necessidades da pessoa.

19. Qual é o papel dos familiares na implementação da CSA?

Os familiares têm um papel fundamental na apropriação da CSA tanto por crianças como por adultos e idosos. Não há sentido em utilizar um sistema de CSA se não houver parceiros de comunicação com quem realizar um intercâmbio de pensamentos e sentimentos. Comunicação depende de interação e esta regra se mantém quando se utiliza CSA. Vale ressaltar, no entanto, que o uso de sistemas de CSA pode não ser intuitivo e simples para todas as pessoas. Então, é imprescindível que os familiares e demais interlocutores sejam capacitados para utilizar a CSA e sejam parceiros no processo de (re)habilitação.

20. Como podemos incluir a família no uso da CSA?

O trabalho com a CSA implica necessariamente a capacitação dos interlocutores, principalmente os familiares. Vale utilizar orientações escritas, recomendações de leituras, indicações de sites e blogs que tratam de assuntos da área, planejar atividades terapêuticas que contem com a participação de pais, irmãos, avós e membros da família extensa tanto em ambiente clínico como escolar ou em domicílio, além de promover oficinas de confecção de recursos e trocas de experiências com familiares mais experientes no uso de CSA.

21. Qual é o papel da escola no uso da CSA pela criança ou jovem com necessidades complexas de comunicação?

Na escola ocorrem muitas e variadas situações de comunicação, tanto dentro como fora da sala de aula. A maioria das situações de ensino e aprendizagem são de troca comunicativa. Então, o professor e demais membros da equipe escolar são interlocutores de crianças e jovens com necessidades complexas de comunicação e, por isso, precisam ser capacitados para utilizar o sistema de CSA nas interações comunicativas com o(a) aluno(a) que tem necessidades complexas de comunicação. Além disso, cabe à escola sinalizar adequadamente todos os ambientes com símbolos

gráficos, escrita, Braille e sinais manuais/ Língua Brasileira de Sinais, garantindo acessibilidade comunicativa a todos que convivem no espaço escolar.

22. O uso da CSA é permitido em ambiente hospitalar?

Sim. Pessoas com necessidades complexas de comunicação e que já utilizam CSA devem portar seus recursos em qualquer ambiente, inclusive em hospitais, tanto para realizar consultas e exames como durante eventuais internações. No entanto, considerando as rígidas regras sanitárias do ambiente hospitalar, é possível que o acesso ao recurso precise ser suspenso. Neste caso, é importante que os familiares informem os profissionais da equipe

de atendimento, principalmente o(a) fonoaudiólogo(a) hospitalar, sobre as necessidades de suporte comunicativo da pessoa que usa CSA.

23. Quais são os outros ambientes ou contextos em que o fonoaudiólogo e sua equipe podem atuar com a CSA?

O fonoaudiólogo e demais profissionais da equipe de CSA devem atuar em todos os contextos sociais em que haja trocas comunicativas. Então, é válido dizer que ações terapêuticas devem se desenrolar em outros ambientes além do consultório fonoaudiológico: nos demais espaços terapêuticos, na escola, no domicílio, no trabalho, no hospital e em ambientes de lazer.

AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

24. Quem participa do processo de seleção e implementação dos Sistemas Suplementares e Alternativos de Comunicação?

Os familiares e todos os profissionais de uma equipe de educação ou reabilitação em saúde podem e devem participar deste processo. O fonoaudiólogo é o profissional habilitado para avaliar e definir a intervenção na área da Linguagem, por este motivo com melhores condições para liderar os aspectos de linguagem relacionados à criação e à implementação de um sistema de CSA. Além do fonoaudiólogo, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais contribuem de modo muito significativo com os aspectos sensoriais, perceptuais e motores, assim como com a avaliação das

funções ocupacionais. Os familiares têm um olhar privilegiado para a seleção de vocabulário e identificação de interesses. Psicólogos, ortoptistas, linguistas, engenheiros e designers também colaboram em diferentes aspectos para os processos de seleção/confecção e implementação mais adequados a cada sujeito individualmente.

25. Qual é a função do fonoaudiólogo na equipe de profissionais que atuam com a CSA?

Considerando que o fonoaudiólogo é o profissional que se dedica à comunicação das pessoas e que a CSA está inserida no campo de atuação da Linguagem, a função do fonoaudiólogo é conduzir procedimentos de avaliação e intervenção de habilidades comunicativas e habilidades



cognitivas relacionadas, bem como se responsabilizar pela seleção do sistema de símbolos e liderar a equipe de profissionais na intervenção de comunicação, utilizando CSA.

26. Qual é o melhor momento para iniciar o trabalho com a Comunicação Alternativa?

No caso das crianças, o quanto antes, assim que se identifique qualquer atraso no uso funcional da comunicação, envolvendo aspectos de inteligibilidade ou função comunicativa, tanto na compreensão quanto na expressão. Com crianças com distúrbios neurológicos ou genéticos, com envolvimento da fala e/ou da linguagem, recomenda-

se iniciar a intervenção ainda em fase pré-linguística, mesmo antes de se identificar atrasos, uma vez que os objetivos da CSA se encaixam na esfera do conhecimento e das ações fonoaudiológicas em Linguagem. Com indivíduos linguisticamente funcionais e que perdem subitamente a capacidade de falar, recomenda-se o início o quanto antes, ainda em unidade de internação hospitalar, assim que houver condições clínicas e for autorizado pela equipe médica. Com pessoas com doenças neurodegenerativas, recomenda-se o início do trabalho quando ainda há fala inteligível e com o adequado suporte psicológico.

27. Se a família da criança que atendemos não quiser utilizar CSA, podemos utilizá-la nos nossos atendimentos?

Sim. É do fonoaudiólogo a prerrogativa de definir a CSA como recurso terapêutico em seus atendimentos, embora possa não se dedicar imediatamente à elaboração de um sistema de CSA para uso em outros ambientes. Nestes casos, recomendamos fortemente que se defina um programa de capacitação parental a respeito dos benefícios da CSA. A família deve saber que para a comunicação ser efetiva é necessário que haja interlocutores utilizando o mesmo recurso. Caso a família não queira utilizar CSA, ela deve estar ciente das perdas comunicativas que seu familiar terá. Nestes casos, é importante compreender o que está

se pondo como barreira para a boa aceitação da família aos recursos da CSA e estabelecer a conduta mais acertada, visando ao melhor cuidado da família e da pessoa com necessidades complexas de comunicação.

28. Como podemos definir o vocabulário inicial dos sistemas e recursos de Comunicação Alternativa da pessoa com necessidades complexas de comunicação?

Há instrumentos já publicados, em forma de inventários, *checklists* e questionários, que auxiliam a identificação do vocabulário receptivo e das necessidades expressivas de indivíduos nas diferentes etapas da vida. Entretanto, vale ressaltar que entrevistas com familiares, profissionais da equipe terapêutica e da escola têm grande valor na seleção

do vocabulário inicial para elaborar um sistema de CSA. Cabe ao fonoaudiólogo realizar uma avaliação completa da linguagem, tendo em conta a idade, nível de desenvolvimento global e habilidades das esferas motora, sensorial, perceptiva e cognitiva, além de conhecer a etiologia do quadro (degenerativo ou não, por exemplo), o status sócio econômico e de escolaridade, dentre outras informações. Recomenda-se identificar quais são os ambientes mais frequentados, músicas, assuntos, objetos, alimentos e atividades de interesse, além de pessoas de convívio para que sejam elementos incluídos nos sistemas de CSA.

29. Como e quando podemos indicar que uma pessoa inicie o uso de CSA?

Uma prancha de comunicação pode ser elaborada assim que se inicia um trabalho fonoaudiológico com um indivíduo com necessidade complexa de comunicação. O uso mais precoce possível dos diferentes recursos da CSA auxilia na estruturação e no desenvolvimento da linguagem, na apropriação de um sistema simbólico, promove importante estimulação de habilidades cognitivas e amplia as possibilidades de compreensão e expressão quando, por alguma razão, a fala articulada não é o principal meio de comunicação do indivíduo.

30. Posso utilizar CSA com crianças menores de 5 anos?

Pode e deve. A primeira etapa da infância é um estágio que favorece o acesso às linguagens alternativas por todas as crianças com e sem deficiência. Nesta etapa, contamos com a maior plasticidade neural, facilitando a aquisição de conceitos e modalidades comunicativas.

31. Há algum risco de o uso da CSA reduzir as possibilidades de fala da criança?

Não. Não há qualquer risco de objetos, miniaturas, comportamentos não verbais ou símbolos gráficos reduzirem as possibilidades de fala de uma criança.

Ao contrário, estudos apontam que a combinação de diferentes modalidades comunicativas pode antecipar a emergência da fala em crianças com necessidades complexas de comunicação.

32. Devo utilizar somente procedimentos centrados na pessoa com necessidades complexas de comunicação para capacitá-la ao uso dos sistemas de Comunicação Alternativa?

Não. O uso da CSA depende de interlocutores capacitados, não apenas da pessoa com necessidade complexa de comunicação.

SISTEMAS E RECURSOS DE BAIXA E ALTA TECNOLOGIA ASSISTIVA

33. Como podemos definir a Tecnologia Assistiva?

Tecnologia Assistiva é uma área interdisciplinar que envolve recursos, estratégias e serviços para garantir a qualidade de vida para todas as pessoas com deficiência.

34. Comunicação Alternativa faz parte da Tecnologia Assistiva?

Os recursos de CSA fazem parte da Tecnologia Assistiva.

35. Como podemos definir os recursos de baixa e alta tecnologia?

Os recursos de baixa tecnologia são os materiais de pranchas, cadernos, livros confeccionados em diferentes formatos

de acesso aos sistemas de CSA. Os recursos de alta tecnologia incluem equipamentos, como computadores, vocalizadores, dispositivos móveis, entre outros, que têm aplicativos ou softwares de acesso a sistemas de CSA.

36. O recurso de alta tecnologia é melhor que o recurso de baixa tecnologia?

Não. O melhor recurso é aquele que atende mais adequadamente as necessidades comunicativas do indivíduo em determinado ambiente e/ou situação comunicativa. É possível fazer uso de recursos das duas modalidades tecnológicas para a mesma pessoa.

37. Como podemos definir o domínio operacional para atuar na Comunicação Alternativa?

Domínio operacional se refere ao conjunto de habilidades motoras necessárias e que são recrutadas no uso das técnicas e estratégias de CSA, como: habilidades de realizar ajustes motores para realizar posições, formas, orientações e movimentos da mão ou do corpo para gestos, sinais ou outras formas de comunicação sem ajuda (e.g. códigos de piscar de olhos, aceno de cabeça etc.); habilidades para utilizar técnicas de seleção em sistemas auxiliados de CSA (e.g. seleção direta com um dedo ou punho, olhar fixo, varredura com o uso de um acionador etc.); e habilidades para navegar e operar sistemas auxiliados de CSA com precisão e eficiência (e.g. navegar entre páginas,

inserir códigos para recuperar itens de vocabulário pré-armazenados).

38. Como definimos o modo de acesso dos clientes na operação de sistemas e recursos de CSA?

Avaliando suas habilidades e necessidades de suporte quanto a: movimento, acuidade e percepção auditiva e visual, linguagem receptiva e expressiva, atenção, memória e outras habilidades cognitivas.

39. Há possibilidade de usar a Comunicação Alternativa com quem é dependente do ponto de vista motor?

Sim. Os avanços no desenvolvimento de materiais e recursos de Tecnologia Assistiva possibilitam criar a correta adaptação entre indivíduo e sistema de CSA. A colaboração de um profissional

da Terapia Ocupacional e/ou da Fisioterapia é fundamental em casos desta natureza.

40. Qual é o melhor tamanho e a melhor organização das imagens na prancha de comunicação?

Não há um padrão melhor de tamanho e organização. Estas definições dependem das características de cada indivíduo. Por exemplo: uma criança com baixa visão provavelmente se beneficiará de um padrão de contraste e espaçamento entre os símbolos gráficos diferente do que poderia se definir para uma criança com acuidade visual preservada. É relevante testar alguns padrões, avaliando a resposta do indivíduo aos diferentes aspectos de configuração do sistema ou recursos de CSA.

41. Posso elaborar mais de um recurso de comunicação para a mesma pessoa?

Sim. Na maioria das vezes, é preciso mais de um recurso para atender a todas as situações de comunicação, que ocorrem no cotidiano, com complexidades, ambientes, interlocutores e duração tão diferentes.

42. Os dispositivos móveis, como celular e tablet podem ser recursos importantes para as pessoas com necessidades complexas de comunicação?

Sim. Os recursos informatizados possibilitam o acesso a atividades cognitivas e linguísticas, e a aplicativos criados especialmente para Comunicação Suplementar e Alternativa, sem barreiras de acesso que muitas vezes são inerentes a recursos de baixa tecnologia.

FORMAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO

43. Somente fonoaudiólogos podem utilizar CSA com seus assistidos?

Não. Todos os demais profissionais da área da Saúde e da Educação, assim como outros interlocutores, devem utilizar CSA com pessoas com necessidades complexas de comunicação.

44. Somente os fonoaudiólogos podem usar os aplicativos e os softwares de CSA?

Não. Todos os interlocutores do indivíduo que utiliza CSA podem e devem se apropriar do funcionamento dos aplicativos e softwares para também utilizá-lo durante a interação comunicativa. Assim, fornecem modelo de uso e de estruturação da linguagem.

45. Existe o título de ‘especialista em Comunicação Alternativa’ no Brasil?

Ainda não, embora seja possível identificar a necessidade de uma formação de fonoaudiólogos neste nível de Pós-graduação *Lato Sensu*.

46. Apenas fonoaudiólogos da área da Linguagem podem utilizar CSA?

Não. Uma vez que os fonoaudiólogos têm um compromisso com a comunicação de todos os clientes ou pacientes, os profissionais devem aprender a interagir com aqueles que se comunicam utilizando CSA, mesmo que o objeto de atuação não seja a Linguagem. A interação terapêutica ocorre por meio da comunicação, então



fonoaudiólogos das diferentes áreas de atuação devem conhecer e aprender sobre CSA para terem uma adequada interação com clientes ou pacientes que não se comunicam por meio da fala, independentemente da área em que atuam.

47. Onde posso obter informações confiáveis sobre CSA?

No site da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia: www.sbfa.org.br.

No site da International Society for Augmentative and Alternative Communication (ISAAC): www.isaac_online.org.

No site do capítulo brasileiro da Isaac (Isaac Brasil): www.isaacbrasil.org.br.

PESQUISA

48. Quais são os termos em português relacionados à área da CSA para fazermos pesquisa de artigos científicos?

São estes os termos: Comunicação Alternativa, Comunicação Suplementar e Alternativa, Sistemas Alternativos de Comunicação, Comunicação Alternativa e Ampliada, Comunicativa Aumentativa e Alternativa, Linguagem Alternativa.

49. Quais são os termos em inglês relacionados à área da CSA para fazermos pesquisa de artigos científicos?

São estes: Augmentative and Alternative Communication, AAC, Alternative Communication.

50. Há programas de mestrado e doutorado na área da CSA?

Não. No entanto, embora não tenhamos ainda programas de mestrado e doutorado com o título de Comunicação Suplementar e Alternativa, é possível desenvolver pesquisas na área da CSA em níveis de mestrado e doutorado, em muitos programas de pós-graduação da área da Educação e da Saúde, que tenham docentes que trabalhem com linhas de pesquisa da área.

51. Há cursos de especialização ou aprimoramento na CSA?

Não, infelizmente no atual momento o Brasil não dispõe de cursos de aprimoramento ou especialização em CSA. As alternativas atuais de formação têm sido os cursos de curta duração oferecidos por profissionais graduados e experientes na área, assim como cursos de certificação em métodos específicos.

SBFA_GESTÃO 2020-2022

DIRETORIA EXECUTIVA

Leonardo Wanderley Lopes_Presidente

Ingrid Gielow_Vice-Presidente

Ana Cristina Albuquerque Montenegro_Secretária 1

Rosane Sampaio Santos_Secretária 2

Fabiana Copelli Zambom_Tesoureira 1

Renata Lígia Vieira Guedes_Tesoureira 2

Giédre Berretin-Felix_Diretora científica 1

Giorvan Anderson Alves_Diretor científico 2

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM

Cíntia Alves Salgado Azoni_Coordenadora

Juliana Onofre de Lira_Vice-Coordenadora

COMITÊ COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E ALTERNATIVA

Débora Deliberato_Coordenadora

Grace Cristina Ferreira-Donati_Vice-Coordenadora

AUTORAS

Grace Cristina Ferreira-Donati

Débora Deliberato

REVISÃO TÉCNICA

Dionísia Ap. Cusin Lamônica

Maria de Jesus Gonçalves

FICHA TÉCNICA

Departamento de Linguagem

(Triênio 2020-2022)

**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE FONOAUDIOLOGIA**

Alameda Jaú, 684, 7º andar

São Paulo, SP, cep 01420 002

[11] 3873 4211

www.sbfa.org.br

